

O Catecumenato

O instrumento pastoral e catequético que dá pelo nome de CATECUMENATO desapareceu da Igreja a partir do século V até praticamente meados do século XX, com algumas exceções confinadas aos territórios ditos de "missão".

Não sei se alguma vez os meus amigos se perguntaram porquê tão grande interregno na prática catecumenal da Igreja.

As razões são várias e sobretudo de ordem histórica.

1.

No início, chegavam ao conhecimento de Jesus e sua Boa Nova apenas adultos vindos, na sua maior parte, do paganismo (depois de uma primeira leva de Judeus). Era preciso ensinar-lhes o conteúdo da Fé, e eles tinham, além disso, de provar a sua conversão pelo abandono do teor de vida pagão, o que nem sempre era fácil, porque exigente. Esta preparação para o Baptismo - que exigia portanto um percurso - era longa e institucionalizada. Era o Catecumenato, iniciação aos Mistérios de Cristo e da Igreja.

2.

Com a liberdade outorgada à Igreja (Edito de Milão, ano 313), o que era difícil, porque proibido e muitas vezes ocasião de perseguição, passou a ser fácil: ser cristão. Começa o tempo do "baptize-se agora, catequize-se depois". Porque, cada vez mais, quer a família quer a sociedade passaram a ser capazes de garantir um processo, digamos que "natural", de educação da Fé. Mais tarde, alta Idade Média, toda uma série de institutos ou iniciativas eclesiais (os conventos em geral e as ordens mendicantes em particular, as associações de vida cristã - ordens terceiras nomeadamente, as escolas catedrais ou conventuais, a própria acção de Bispos e Padres) fizeram sentir a sua influência na educação cristã quer da Pessoa quer da Sociedade, a par evidentemente da própria organização e espírito cristão que penetrava tudo e todos.

3.

Com a Reforma, esta estabilidade foi posta em causa. Preocupada com a crassa ignorância religiosa a que se atribuía fundamentalmente a razão de ser de todos os seus males, alarmada por

outro lado com os avanços do protestantismo, a Igreja pensou nos catecismos. Não se esqueça que um século antes se tinha descoberto a imprensa e com ela havia surgido o grande motor da "Galáxia Gutenberg", o livro impresso, acessível e barato. Se a ideia dos catecismos não é originária da Igreja Católica Romana (o primeiro foi de Lutero) deve dizer-se no entanto que foi ela que mais os utilizou. A partir deste momento, o pequeno resumo impresso da doutrina, quase sempre em pergunta e resposta e polémico, apresentava de maneira concisa o que cada cristão devia saber e os meios a pôr em prática para "salvar a sua alma". A formação pelo livro vai imperar sobre a formação exercida até aí pela comunidade cristã. O importante era saber.

4.

Acentuar-se-ia isto em Setecentos e Oitocentos, no âmbito do Século das Luzes e, conseqüentemente, da escola obrigatória então nascente, tempo em que a tónica do esforço catequético da Igreja se deslocou do saber para o comportar-se bem. A moral passou a ser a componente mais importante da Revelação, promovida diante do eclipse do Dogma, moral reduzida entretanto de algum modo aos princípios mais ou menos genéricos da dita "religião natural", tudo conseqüências do Deísmo iluminista.

É o tempo das escolas católicas, da catequese paroquial, da aprendizagem da vida (moral) cristã. Os catecismos salientavam os "3 devemos": as verdades que devemos acreditar, os mandamentos que devemos guardar, os sacramentos que devemos receber como meios de salvação. Várias tentativas são feitas no sentido de aperfeiçoar estes métodos ou mesmo de ultrapassar as suas insuficiências: S. Vicente de Paulo e as missões populares, tudo tentativas catequéticas vindas de França, são alguns exemplos mais notáveis.

5.

Era claro, no entanto que, tudo isto — deixem passar o lugar comum — já dera o que tinha a dar.

Com o nascimento do mundo moderno, sempre ao lado da Igreja quando não contra a Igreja, com a secularização do tempo, com o ateísmo moderno (teórico ou prático) bem como com o paralelo indiferentismo religioso anticlerical ou não, toda esta dinâmica catequética se mostrava impotente diante das novas necessidades de evangelização sentidas pela Igreja. Hoje, já quase nos habituámos a

ouvir dizer que é preciso re-evangelizar a Europa, mas ainda há 10 anos isso não era ainda assim nada claro.

Hoje, de facto, é preciso re-evangelizar de novo, partindo muitas vezes praticamente do zero. Se a Europa conhece o nome de Jesus, ignora na maior parte dos casos o seu conteúdo, a sua história e a sua Boa Nova. E não se trata de resto de evangelizar apenas indivíduos mas também "os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da Humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (EN 19).

6.

É exactamente aqui e por isto que modernamente se redescobre o Catecumenato. Digamos que as condições de paganização do início são agora de algum modo idênticas: daí o retorno ao método que então tão belos e grandes resultados deu.

A partir dos anos 40/50 deste século, primeiro em França depois em muitos outros países da Europa, começa a recuperar-se o Catecumenato quer para os filhos do ateísmo ou do indiferentismo religioso ainda não baptizados, quer também para muitos já baptizados cujo Baptismo nunca havia sido verdadeiramente assumido, gente de Fé nunca explicitada, de Esperança nunca entrevista, gente que nunca entendera nem descobrira a Igreja como Sinal de Salvação e realidade de Caridade, Povo de Deus a caminho na História.

O Catecumenato surgiu portanto modernamente como uma mais fácil possibilidade de descoberta e inserção na História da Salvação, a aprendizagem da doutrina e da oração, a inserção progressivamente concretizada na Igreja de Jesus Cristo, a descoberta da plena vocação laical.

Tudo isto exige tempo, muito tempo. Educar um cidadão custa muito, mas educar um cristão não custa menos, porque, contrariamente ao que tradicionalmente se pensava e Tertuliano já dizia, "o cristão não nasce, faz-se".

Profundamente empenhados em refazer deste modo, laboriosa e pacientemente, o tecido eclesial, a Serra do Pilar tem dedicado ao Catecumenato o melhor do seu esforço, ao longo de há mais de 10 anos. Contamos, neste ano pastoral que se inicia, arrancar com mais um grupo catecumenal.

(Serra do Pilar, 1987.10.18)

O Catecumenato da Serra do Pilar

Depois de Constantino, acabados *os tempos paradigmáticos da Igreja*, só quando a *crístandade* se dissolveu, melhor dito, só quando a Igreja deu conta que estava definitivamente pulverizada por uma secularização que tinha entrado em todos os sítios e lugares, é que reapareceu a questão de ser preciso anunciar a Boa Nova de Jesus e iniciar no mistério da Igreja aqueles que chegavam ao conhecimento do Filho de Deus, Senhor e Salvador.

Porque, num mundo em que tudo era cristão, era a cultura envolvente que se encarregava de formar os cristãos.

No entanto, os ventos da Liberdade que sopram desde esse *maldito* mas tão importante século XV em que nasceu Lutero, bem como os tempos mais tarde surgidos da Revolução (francesa), criaram à Igreja ainda medieval, rural e segura, que dificilmente se deixava questionar, incapaz, quantas vezes, de perceber a *novidade* dos tempos, uma Igreja que foi perdendo pouco a pouco os seus (melhores) filhos, cidadela sitiada, sempre a *armar em vítima*, incapaz de anunciar Jesus Cristo e de se apresentar ela mesma, de modo visível e convidativo, como *sacramento do Reino*, tal como foi querida pelo seu e nosso Senhor, Jesus, criaram à Igreja — dizia — uma grave problema.

Muitos cristãos deixaram de o ser — nem porquê nem para quê — e muitos outros deixaram-se disso. Quantos mais, tantos!, voltaram a um paganismo autêntico, agora *cristão*?

Enquanto isto, no entanto, muitos outros começaram também a chegar ao conhecimento de Jesus Cristo e a descobrir este espantoso sacramento do Reino, que é a Igreja. Muitos descobriam a novidade pela força desse

Espírito de Deus que sopra sempre, *onde quer, quando quer e como quer*; e outros caíam abaixo do cavalo, como noutros tempos.

Só que... quando se aproximavam da Igreja... ela não sabia como dar-lhes o que eles pretendiam e desejavam: a iniciação cristã. Desde o séc. V/VI que a Igreja não formava cristãos como que pretextando que eles nasciam já feitos.

Pode um engenheiro, um doutor, aprender o Evangelho? Para quê? Baptizado em criança, *confessado e comungado*, particular e solenemente, doutrina e casamento, pode ainda aprender algo mais de Jesus Cristo e da Igreja? Não saberá já tudo?

E pode uma mulher curtida por uma vida madrasta, cansada de tanto sofrer, de uma cultura bem diferente da de um engenheiro, doméstica - diz a nomenclatura social -, aprender algo mais que Ihe ilumine a vida, e Ihe ensinar algo?

Estou, efectivamente, a falar do Catecumenato da Serra do Pilar. Catecumenato e Comunidade: eis duas palavras-chave (realidades) da nova teologia pastoral saída do Vaticano II.

É verdade que destas realidades o Concílio quase não falou. Mas hoje em dia, lá vão 30 anos, quase não é possível pensar o ser da Igreja no mundo moderno bem como o seu agir pastoral sem passar por aqui. Comunidade e Catecumenato, nunca se saberá qual delas a originante. Na Serra do Pilar, primeiro, foi a Comunidade, pelo menos como objectivo a atingir, depois, o caminho para lá chegar, o Catecumenato. Noutros lugares terá sido ao contrário. Primeiro o ovo ou a galinha?

Verdade é, no entanto, que Catecumenato e Comunidade estão intimamente orientados um para a outra. Sem Comunidade, não há Catecumenato: ela é o *meio* deste. Mas, sem Catecumenato, a Comunidade

morrerá por incapacidade de renovação e crescimento, neste mundo moderno. Que a Comunidade não nasce como a generalidade dos organismos vivos, vida transmitida pela carne e pelo sangue. Os tempos da cristandade já lá vão.

Eis porquê, na Serra do Pilar, esta tarefa do Catecumenato dos adultos continuará a ser a primeira e grande tarefa. Começado em 1976, está ainda de boa saúde

Serra do Pilar, 1994